



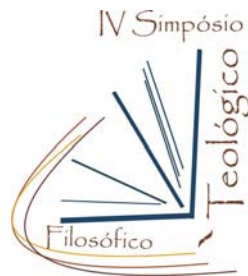
Nietzsche: da verdade conceitual a dança perspectiva. Considerações para além do dito e do não dito

Adilson Felício Feiler, SJ

Mestre / UNISINOS / Filosofia.

Introdução

A questão de a *verdade* ser ou não necessária tem de ser antes respondida afirmativamente, e a tal ponto que a resposta exprima a crença, o princípio, a convicção de que '*nada* é mais necessário do que a verdade, e em relação a tudo o mais é de valor secundário'. (NIETZSCHE, GC, V, § 344, p. 235 / KSA – III, p. 575). Este aforismo é um exemplo típico daquilo em que seu autor se tornou um mestre: a arte da controversão, da simulação, do por dizer, da dança. O filósofo alemão põe em prática através da escrita aquilo em que se tornou a sua máxima, a de que: "Existe *apenas* uma visão perspectiva, apenas um 'conhecer' perspectivo" (NIETZSCHE, GM, III, § 12, p. 109 / KSA – V, p. 365). Logo, um conceito que porta uma verdade estabelecida com exatidão e certeza sobre algo acaba sendo relegado ao campo do mito, por trás do qual carrega uma imensa gama de significações. Estas, longe de exaurirem a realidade, funcionam como avatares promotores de novos significados. Por essa mesma razão: "[...] o intelecto humano não pode deixar de ver a si mesmo sob suas formas perspectivas e *apenas* nelas. [...] O mundo tornou-se novamente 'infinito' para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele *encerre infinitas interpretações*." (NIETZSCHE, GC, V, § 374, p. 278 / KSA – III, p. 626-7). Diante disso aquilo que conhecemos como verdade, com o que designamos as coisas "(...) não atinge mais que o movimento sinuoso" (NIETZSCHE, Introdução Teorética sobre a verdade e mentira no sentido extramoral, I, p. 67). A verdade conceitual, longe de esgotar a realidade, não passa de uma multiplicidade de perspectivas que apresenta facetas inimaginadas pela capacidade de inferências do intelecto humano. Neste sentido, para além do dito há uma imensa gama de significações reservadas ao âmbito do não dito, do por dizer, em que está todo o peso e força que move a inventividade humana. Está, por isso, inaugurado um novo modo de se conhecer, não mais através de conceitos rigidamente estabelecidos, mas através de intenções subjacentes ao dito e estabelecido como verdade. Por essa razão, em Nietzsche temos o princípio daquilo que se tornará o procedimento central do pensamento ocidental contemporâneo: a hermenêutica. Mas, em quais aspectos do mundo da vida Nietzsche se ampara na inauguração deste novo procedimento epistemológico em Filosofia? Em que medida a



interpretação conduz a cultura a um nível mais elevado? Qual o aspecto do pensamento Ocidental que acaba sendo o alvo principal das críticas de Nietzsche ao abrir as portas à hermenêutica?

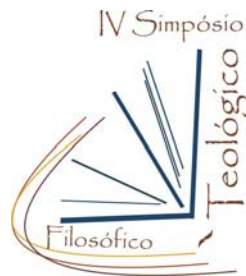
A apresentação da pesquisa se dá em três capítulos. O primeiro visa a apresentar a constatação da presença da verdade conceitual, como tais conceitos vão sendo formados na cultura. O segundo apresenta que por trás da rigidez destes conceitos há uma gama imensa de significados constituindo metáforas. E o terceiro apresenta a dança perspectiva pela liberalização da metáfora como uma proposta que descristalize os conceitos rigidamente estabelecidos a fim de sanar a cultura de seu maior mau: a moral.

1. A verdade conceitual: um conhecimento instituído para além das estrelas

“Em qualquer canto longínquo do universo difundido no brilho de inumeráveis sistemas solares, houve certa vez uma estrela na qual animais inteligentes inventaram o conhecimento”. (NIETZSCHE, Introdução teórica sobre a verdade e mentira no sentido extramoral, p. 64). É dessa forma que Nietzsche principia a sua tão conhecida obra da juventude, contudo já amadurecida em conceitos que continuamente reaparecerão no decorrer de sua literatura. Nietzsche já põe uma figura metafórica que é de importância fundamental para a compreensão de sua obra: a estrela. Esta está associada às alturas, à verticalidade, à ordem, ao além, tais atributos estão em vínculo direto com o ideal de Bem platônico. E é precisamente a esta maneira de conceber a realidade que o filósofo alemão se insurge já desde o princípio com suas críticas.

Tal conhecimento ideal inscrito para além das estrelas “Foi o minuto mais arrogante e mais ilusório da ‘história universal’: mas não foi mais que um minuto” (NIETZSCHE, Introdução teórica sobre a verdade e mentira no sentido extramoral, p. 64). A continuidade deste aforismo inicial traz duas novas importantes idéias para a compreensão desse conhecimento que aparentemente parecem se contradizer: o ímpeto de se estabelecer como algo eterno e imutável, por um lado e o seu aspecto frágil e fugido, por outro. Gilvan Fogel ao tratar sobre o conhecimento em Nietzsche considera: “(...) que esse pensamento fundamental, assim formulado e anunciado, compreende conhecimento como sendo essencial e constitutivamente *interessado*. Isso quer dizer: *todo o conhecimento já é sempre, necessariamente, afeto ou interesse*”¹. Uma verdade

¹ FOGEL, 2003, p. 68



eterna que pretende se estabelecer como imutável não tem como durar mais que um minuto. E Nietzsche ainda insiste em ter sido o minuto mais mentiroso que existiu. É mentiroso justamente por escapar ao âmbito do mundo da vida, já que as estrelas estão fora dos limites do mundo da vida. E tudo aquilo que está fora do mundo não é nada mais que devaneio e ilusão, instituídos, segundo a compreensão do filósofo, para tornar as pessoas alheias ao que única e exclusivamente é próprio delas: o mundo orgânico com todas as suas idiossincrasias.

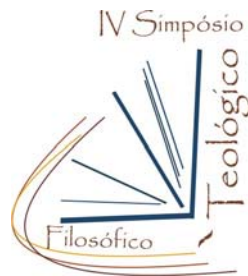
O alheamento desse habitat natural pelo homem o conduz à negação daquilo que lhe é mais específico e genuíno: o seu ser si mesmo. E abrir mão disto significa se entregar passivamente ao ímpeto niilista que se faz sentir por todos os lados. Mas, diante dessa necessidade que se põe diante do homem de se desprender de tudo o que o mantém com olhos voltados para as alturas se apresenta a nós um paradoxo. Se a ilusoriedade desse conhecimento posto por trás das estrelas não é nada mais que um momento aparente e fugidio, por que razão não fazer deste um meio de incitação da capacidade de criar? Se este conhecimento é entendido como máscara da realidade não se identificaria àquela disposição artística dionisíaca tão cara a Nietzsche? Como fazer da ilusão um veículo que possibilite ao homem o despertar de um quantum de capacidade criativa?

2. Da rigidez lacunar do dito à metáfora

“O que é então a verdade? Uma multiplicidade incessante de metáforas, de metonímias, de antropomorfismos, em síntese, uma soma de relações humanas que foram poética e metaforicamente elevadas, transpostas, ornamentadas”. (NIETZSCHE, Introdução teórica sobre a verdade e mentira no sentido extramoral, p. 69). Chegamos aqui ao lugar onde desemboca toda a estaticidade e rigidez dos conceitos situados para além das estrelas. A sua fragilidade se traduz em nada mais que metáforas, ou seja, por detrás de um mínimo que estes conceitos possam dizer reside uma gama imensa de significados que continuamente estão a se imporem num destruir para construir sucessivamente novos significados. Eugen Fink ao comentar a experiência nietzschiana do mundo escreve: “Os conceitos falseiam e alteram, na medida em que solidificam o movimento do real através de seu esquematismo estático”².

É um processo que reflete a tragédia grega, em que por trás das máscaras da ordem apolínea esconde-se a embriaguez dionisíaca. Assim, um conceito ao se pretender como verdade fixa e imutável não teria a vantagem de apontar para a metáfora? Apesar de que aquele que o instituiu tenha, pelo menos à princípio, a intenção única e exclusiva de estabelecer a

² FINK, 1985, p. 177



verdade. Por mais que Nietzsche se lance contra a cristalização do saber em conceito e este em verdade, não estaria este mesmo conceito na origem da metáfora, do não dito, e, por isso, do por dizer? As lacunas do saber conceitual não comportariam em seus interstícios os avatares da metáfora?

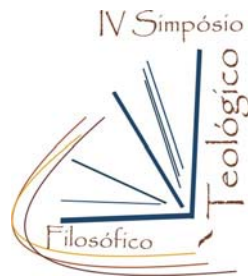
Nesse caso, se tais conceitos por mais que possam, aparentemente, quererem encerrar toda a verdade são extremamente benéficos a essa nova forma de linguagem que se insurge. Pois, por traz do dito se esconde toda a riqueza do não dito que passa a se apresentar ao ouvinte como um enigma. E diante deste é levado a mais surpreendente viagem pelas sendas que permeiam tudo aquilo que se pode pensar e dizer das coisas.

Praticamente todo o conjunto da obra de Nietzsche se apresenta de acordo com essa linha. Diversas afirmações feitas por ele encerram uma gama de significações que se situam muito para além do que aparentemente parece, pelo menos à primeira vista, que diria isto ou aquilo. A linguagem aforismática, tal como é conhecida em toda a sua literatura tem o intento de provocar no leitor uma tensão entre opostos a fim de assegurar a maior das verdades: que tudo é movimento, tudo é tensão instintual, um campo de batalha que quanto mais parece se aproximar de uma resolução e harmonia novos embates e conflitos são desencadeados num girar eterno. E nesse giro novos e surpreendentes desafios se apresentam.

Eis aí a riqueza da metáfora ao encerrar toda essa multiplicidade perspectivística que declara guerra ao posto e estabelecido como verdade eterna e imutável. Desta passagem que Nietzsche inaugura da verdade à perspectiva consequências sem precedentes são desencadeadas, vindo a incidir, sobretudo, sobre a moral ocidental. Destes precedentes éticos o riso e a dança passam a compor o lugar outrora ocupado pela inércia e pela seriedade. Em que medida tais mudanças contribuem para o projeto de renovação da cultura tão cara a Nietzsche? Estaria com isso inaugurando um novo método caracterizado pela interpretação? O conhecer estaria dessa forma abandonando aquela maneira tradicional de apreensão sistemática para assumir a criação?

3. Uma perspectiva dançante para além de toda cristalização veritativa

“Com base neste sentimento de ser obrigado a designar uma coisa como ‘vermelha’, outra como ‘fria’, uma terceira como ‘muda’, desperta-se uma tendência moral à verdade: por contraste como mentiroso, em quem ninguém tem confiança, ao qual todos excluem, o homem demonstra a si próprio o que a verdade tem de honroso, de confiável e de útil”. (NIETZSCHE, Introdução teórica sobre a verdade e mentira no sentido extramoral, p. 69-70). As repercussões da verdade perspectiva na cultura ocidental fazem sentir os seus efeitos sobre as suas mais diversas instâncias como é o caso da moral. Aquelas novas tábuas de valores



anunciadas por Zaratustra somente são possíveis graças à maneira perspectiva de se conceber as coisas que se instauram. A se respeito Leon Kossovitch diz que “O texto é aqui a tábua de valores, é a palavra que imprime o valor”³. Cabe então destituir a palavra de todo o seu peso dogmático e moralista. Eric Blondel, comentando o perspectivismo nietzschiano, põe a moral no tribunal da interpretação, para ele “A moral, a fé, enquanto discursos, falsificam, falseiam os textos – especialmente a Bíblia – e a realidade, que, na medida em, que o uso que Nietzsche faz da palavra ‘filologia’ se revela como metafórico”⁴.

Se outrora se concebia uma verdade eterna e imutável por trás das estrelas, agora estas estrelas eclipsaram-se deixando manifesto tudo aquilo que até então escondiam. Tais descobertas também não se dão como algo estanque, mas que vão continuamente levando a sempre novas descobertas, fazendo com que os meandros da existência no mundo adquiram tons e ritmos os mais variados possíveis. Neste sentido, o mundo adquire um colorido dançante todo especial rompendo as barreiras fossilizadas e cristalizadas da chamada verdade conceitual para inaugurar o movimento, o em suspenso, a perspectiva, a interpretação, a dança. Estas funcionam como um campo de forças que estão em constante conflito, um conflito que se manifesta como conflito de interpretações, pois de acordo com Kossovitch: “(...) a interpretação associada ao perspectivismo, é da ordem do campo de dominação, isto é, das relações de intensidades ativas”⁵.

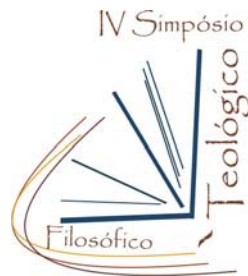
A cultura ocidental assiste agora a algo inédito, um novo procedimento lingüístico nasce: a interpretação perspectiva, a hermenêutica, como algo que está sempre se fazendo. Por essa razão escapa a outros procedimentos que o Ocidente viu nascer como é o caso da dialética do espírito de Hegel, que embora se dá num processo movido por contradições e / ou tensões, tende, contudo, a um fim, uma meta, o que trouxe como consequência todas as manifestações totalitárias que tiveram como fruto a morte. Exatamente o contrário Nietzsche tem proposto: um movimento, uma tensão sim, até luta e / ou guerra, porém que nunca esta conduza a uma totalização cristalizada, pois caso isso ocorra a pulsão instintual deixa de se manifestar, os desafios acabam, e a morte travestida de paz universal dá o seu veredicto.

Assim, antes guerra que paz, antes sofrimento que tranquilidade, antes ação que passividade, antes a vida que a morte. O ímpeto e a força das palavras que Nietzsche profere são na maioria das vezes causa de estranheza e desprezo, por um lado e interesse e motivação, por outro. No entanto, só é capaz de se apropriar dessa riqueza perspectiva quem ousa o desprendimento de todas as cadeias que até então simbolizavam segurança e tranquilidade para se lançar nas profundezas do inaudito, do por dizer, do

³ KOSSOVITCH, 1979, p. 66

⁴ BLONDEL, 1985, p. 112.

⁵ KOSSOVITCH, 1979, p. 33



nada. Ou seja, enfrentar o niilismo de frente erguida, tal como o herói da tragédia disposto a antes tudo perder que a nada arriscar.

A dança alivia, alegre, rompe barreiras, desestabiliza, cria novas perspectivas, aposta no indivíduo e até mesmo nos conceitos veritativos, porém ousa desmascará-los para fruir deles toda a riqueza perspectiva que encerram. Tal postura se alimenta de tudo aquilo que se apresenta como desafio a até mesmo como ameaça para que assim provada possa liberar um quantum de energia instintual necessária para a promoção da vida, o que significa novas interpretações desta vindo a confluir numa mais bela harmonia entretecida de sons, cores e movimentos.

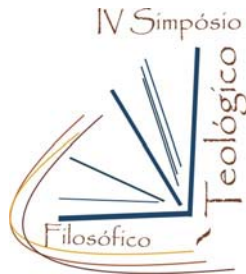
Considerações finais

Pelas considerações acima pudemos constatar a grande influência que o peso conceitual das palavras exerce sobre a vida humana no sentido de cristalizá-la e eternizá-la impedindo com que manifeste o que a caracteriza como pertencente ao mundo: o movimento e a tensão instintual.

Os conceitos rigidamente estabelecidos estão, outrossim, na origem de toda a tendência moral que na compreensão de Nietzsche, tornou-se o grande problema da cultura. Assim, para exorcizar a cultura disto que ele denomina doença há que se começar pela liberação da multiplicidade perspectiva que carrega um determinado conceito. Desse modo, muito antes que dizer isto é isto, ou isto é aquilo dizemos isto pode ser isto, ou ainda aquilo.

Está, assim, aberta a passagem que vai da verdade à perspectiva, constituindo-se, por isso, um procedimento lingüístico a vigorar na cultura: a hermenêutica. São diferentes os campos e / ou áreas do conhecimento que serão beneficiados por este procedimento. No entanto, embora Nietzsche critique aqueles conceitos rigidamente estabelecidos, este, por outro lado é necessário ao próprio projeto a que Nietzsche se propõe, pois dada a sua firme concisão incita o leitor (ouvinte) à busca do desvelamento dos seus significados subjacentes.

O próprio Nietzsche praticamente em toda a sua obra utiliza deste expediente, por exemplo, quando diz “Um homem religioso pensa apenas em si – Lutero viu a corrupção do papado, quando justamente o contrário era evidente: a velha corrupção, o *peccatum originale*, o cristianismo já não estava na cadeira do papa! Mas sim a vida! Mas sim o triunfo da vida! Mas sim o grande sim a todas as coisas belas, elevadas e ousadas!... E Lutero restaurou a Igreja: ela atacou... o Renascimento – um evento sem sentido, um enorme em vão!” (NIETZSCHE, O Anticristo, § 61, p. 78). Ao ler este aforismo entendemos, a princípio, que Nietzsche exalta a Igreja católica Romana da Renascença em detrimento da Igreja protestante, no entanto o



que aqui ele faz é uma grande brincadeira, a fim de por em evidência o próprio falseamento do cristianismo que a Igreja na renascença representou.

Dessa forma Nietzsche se porta como um verdadeiro dançarino. E, mais uma vez, podemos ter claro que nem sempre aquilo que parece ser seja; existe por traz daquilo que se afirma uma gama múltipla e variada de significações que todo o tempo está em tensão, ora se encontram, ora se cruzam e ora se entrecruzam a fim de constituir a metáfora: uma dança composta por diferentes perspectivas.

Bibliografia

Obras Primárias:

NIETZSCHE, F. W. *Sämtliche Werke Kritische Studienausgabe in 15 Bänden*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. München: Deutscher Taschenbuch Verlag de Gruyter, 1999.

_____. *A Gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Genealogia da moral: uma Polêmica*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *O Anticristo e ditirambos de Dionísio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Introdução teórica sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral. In: *O livro do Filósofo*. São Paulo: Centauro Editora, 2001.

Obras secundárias:

BLONDEL, Eric. As aspas de Nietzsche: filologia e genealogia. In: *Nietzsche hoje?* Org. Scarlett Marton. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 110-139.



FINK, Eugen. Nova experiência do mundo em Nietzsche. In: *Nietzsche Hoje?* Org. Scarlett Marton. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 168-192.

FOGEL, Gilvan. *Conhecer é criar*. Um ensaio a partir de F. Nietzsche. São Paulo: Unijuí, 2003.

KOSSOVITCH, Leon. *Ensaaios 60*. São Paulo: Ática, 1979.